

Encontros com a Poesia



Encontros com a Poesia

do Concelho de Aljustrel

NO ÂMBITO DO PROGRAMA DE CONTRATOS LOCAIS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL (PROGRAMA CLDS 3ª GERAÇÃO)

Conjunto de pessoas ligadas pela poesia. ♡



Encontros com a Poesia

do Concelho de Aljustrel

Índice

António Afonso Bernardino Bagacinha
Emília da Silva David
Inácio Valverde
José Carlos Albino
Mariano Augusto Vieira Neves
Maria do Céu Capela
Maria Emília da Silva Efigénio Sales
Maria de Fátima Paulino
Maria Vitória Ruas
Olívia David
Raimundo Emídio Afonso
Vitorino da Palma Cavaco



A mulher e o 25 de Abril

- I**
A mulher Portuguesa
Tem direito a louvores
Não apresenta fraqueza
Entre outros trabalhadores
- II**
A mesma é costureira
É Guarda Prisional
Também é bordadeira
Na tropa é oficial
- III**
Militar em todos os Ramos
Desde o posto de Soldado
Qualquer cargo civil
Por ela é ocupado
- IV**
É Assistente Social
Juíza, Polícia, Freira
Psicóloga, Professora
Médica, Enfermeira
- V**
Pastora, cozinheira
Agricultora, Secretária
Taxista, Cabeleireira
Maestrina, Veterinária
- VI**
É formada em Engenharia
Jornalista e Gestão
Advogada, Notária
Instrutora de condução
- VII**
Com a sua coragem
Vai para o mar navegar
Camionista em longa viagem
E aviões pilotar
- VIII**
É esposa e mãe carinhosa
Os filhos cria com amor
Nesta missão espinhosa
Tem um elevado valor
- IX**
Na política também
Ocupa cargos superiores
Desempenha-os muito bem
Melhor que alguns senhores
- X**
Na política anterior
A mulher andava esquecida
De tirar curso superior
Estava a mesma proibida
- XI**
Com funcionário do Estado
Não podia ela casar
Sem ter vencimento assegurado
E vários documentos apresentar
- XII**
Antes do 25 de Abril, havia
Algumas profissões indicadas
Com a entrada da Democracia
As mesmas foram alargadas

A Rola

I
Todos conhecemos a rola
Como ave de migração
Aparece na Primavera
E parte no fim do Verão

II
Cá no nosso país
A mesma faz criação
Após os filhos criados
Faz nova arribação

III
Ao fazer o seu ninho
Não é perfeita na feitura
No Verão em qualquer cantinho
Há rolas com fartura

IV
Acho muito engraçado
O seu alegre cantar
Das outras é destacado
A quem o saiba escutar

Prefácio

Encontros com a Poesia do Concelho de Aljustrel é o resultado de diversos encontros promovidos no âmbito da ação 10 - Ações socioculturais que promovam o envelhecimento ativo e a autonomia das pessoas, do Projeto É Agora! 3G Contrato Local de Desenvolvimento Social (Programa CLDS 3ª Geração).

Considerando que as ações socioculturais permitem quebrar as rotinas e hábitos dos/as seniores, tornando-os/as mais dinâmicos/as e participativos/as, valorizando/as pessoal e relacionalmente, assumindo, por isso, um papel fundamental na promoção do envelhecimento ativo, pretendeu-se realizar um conjunto de atividades diferenciadas, sendo estas a realização de ateliers, visitas, colónias de férias, intercâmbios e outras atividades intergeracionais e de promoção dos saberes.

Nos encontros realizados participaram 12 pessoas (6 mulheres e 6 homens), oriundas das 4 freguesias do concelho que em comum têm o enorme gosto pela escrita/poesia. Foram encontros descentralizados que decorreram nas várias localidades, sempre com o objetivo de valorizar o potencial de cada um/a num espaço de partilha e prazerosas leituras potenciando, sobretudo, o convívio entre os pares. Os encontros, dinamizados pela equipa do projeto permitiram a cada um/a dos/as participantes partilhar com as restantes pessoas os respetivos trabalhos realizados. Proporcionar aos/às participantes a possibilidade de se exprimirem de forma livre, promovendo a sua auto-estima, foi o objetivo alcançado nestes espaços de partilha (encontros), dando-lhes a oportunidade de verem publicados alguns dos seus trabalhos. A escolha dos escritos / poemas foi da inteira responsabilidade dos 12 participantes dos Encontros com a Poesia do concelho de Aljustrel.

O projeto agradece muito a genuína vontade e a total disponibilidade aos poetas e às poetizas do concelho de Aljustrel que agarraram este desafio, que acabou traduzido num bonito projeto conjunto de pessoas ligadas, entre si, pela magia da poesia. Bem hajam!

É Agora! 3G é um projeto financiado por fundos estruturais em conformidade com a legislação nacional e comunitária aplicável, designadamente ao Fundo Social Europeu (FSE) e por verbas provenientes dos resultados líquidos da exploração dos jogos sociais. Integra-se no Programa Operacional Inclusão Social e Emprego (POISE), tendo como organismo intermediário (responsável pelo acompanhamento do projeto) o ISS, I.P., e como Entidade Coordenadora Local da Parceria (ECLP) a ESDIME - Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste. Este projeto com duração de 48 meses, início a 2 de Novembro de 2015 e término a 31 de Outubro de 2019, pretendeu contribuir para o desenvolvimento local, de modo integrado. Teve como base a promoção do desenvolvimento social, na lógica de uma intervenção social e comunitária articulada.

António Afonso Bernardino Bagacinha

António Afonso Bernardino Bagacinha, mais conhecido por “Bagacinha”, nasceu em Aljustrel no dia 22 de Abril de 1950.

Aos 7 anos entrou na escola primária e concluída a 4ª classe aos 11 anos entrou na vida laboral. Foi aprendiz de sapateiro até aos 18 anos, idade em que entrou nas minas de Aljustrel. Aos 20 anos foi para França clandestino, tendo regressado a Portugal após o 25 de Abril de 1974 para cumprir o serviço militar. Depois de cumprido o serviço militar conseguiu a admissão na Câmara Municipal de Aljustrel. Casou aos 27 anos, é pai de 2 filhos e avô de 5 netos (4 meninas e um rapaz). É um animador de festas e serões, não só na região mas também na grande Lisboa e Algarve. Já atuou na Bélgica, no Canadá e nos 4 canais de televisão. Tem dois livros de poesia editados.

Atualmente tem 68 anos de idade e encontra-se reformado.



Quadras alusivas ao afamado vinho de Ervidel

I
Ervidel sempre teve fama
Ter vinho de qualidade
Seja branco ou tinto
E em grande quantidade

II
Toda a gente dele gosta
De uma maneira geral
Como o vinho de Ervidel
Por perto não há igual

III
Sou fraco bebedor
Sempre isso reconheci
Mas o vinho desta terra
É do melhor que já bebi

IV
No tempo do vinho novo
Todos a ele aderem
É porque esse povo
Este vinho preferem

V
Embora vão proibindo
Dessa bebida exagerar
Mas vão permitindo
Mais vinhas plantar

VI
Por isso é muito lógico
Que a produção vá aumentando
Com a mesma qualidade
Produtores, vão continuando

O Mineiro e o Pescador

O Autor

I

Há duas profissões
A quem dou muito valor
Merecem muitas atenções
É o mineiro e o pescador

II

Em certa ocasião
Os dois se juntaram
Cada um com sua opinião
Na sua vida falaram

O Mineiro

III

Sou um pobre mineiro
É essa a minha profissão
Trabalho com um topeiro
Sempre debaixo do chão

O Pescador

IV

Eu sou pescador
Ando sempre nas ondas do mar
Com risco da própria vida
Para algum peixe pescar

O Mineiro

V

Ando na mina escondido
À procura do minério
Com facilidade fico ferido
É um ofício muito sério

O Pescador

VI

Na minha arriscada profissão
Ando sempre a navegar
Com perigo ganho o pão
Para os filhos sustentar

O Mineiro

VII

Na profundidade da mina
Reina o desconforto
Pode aparecer a ruína
E eu sair de lá morto

O Pescador

VIII

No meu trabalho normal
É andar embarcado
Se algo corre mal
Posso morrer afogado

O Autor

IX

Estes bravos trabalhadores
Têm que o pão ganhar
Quando saem de casa
Não sabem se vão voltar

X

Das profissões referidas
Não sei qual a mais perigosa
São muito parecidas
Qualquer delas é rigorosa

Descalço

Sete anos fui para a escola
Saca debaixo do braço
O calção remendado
Um livro todo rasgado
Eu lá ia... descalço

A mãe lavava-me a cara
Penteava-me no regaço
Mas de manhã com a geada
Eu lá ia... descalço

As mãos metidas nos bolsos
Mas o frio a cada passo
A pular de pedra em pedra
Eu lá ia... descalço

Minha mãe ficava à porta
O coração lhe doía
Ficava à porta a chorar
Às vezes quando chovia
E eu lá ia, lá ia, lá ia...
Descalço.

25 de abril

Para uns, é mais um ano
Para outros, mais um dia
Para aqueles que te amam
És amor, és alegria
És tempo novo, és paz
És símbolo de liberdade
És o sol para todos
És o pão, és igualdade
És o fim duma tortura
Dum povo sacrificado
E aqueles que te amam
Tiveram-te algemado
Mas a força da razão
Quis Portugal libertado
Quis ver crianças brincar

A correr com alegria
Quis ver o medo acabar
Quis gritar democracia
E Abril então correu
Partiu grades, cadeados
Partiu correntes, algemas
Partiu muros e telhados
E correu louco de amor
Lançou cravos encarnados
E gritava liberdade
Como um louco embriagado
Correu vales, correu montes
Para respirar ar novo
E nunca mais morrerá
Enquanto existir o povo.

Concelhos do Alentejo

I

O Baixo e Alto Alentejo
Quarenta e sete concelhostem
Vou aqui mencioná-los
Começo por Santiago do Cacém

II

Portalegre, Évora e Beja
São capitais de distrito
Os outros são só concelhos
Assim como Cuba e Alvito

III

Castelo de Vide, Nisa
Reguengos de Monsaraz
Indico-os em poema
Se juntá-los for capaz

IV

Viana do Castelo,
Alcácer do Sal
Montemor-O-Novo,
Redondo e Alandroal

V

Ferreira do Alentejo,
Grândola, Portel,
Castro Verde, Mértola,
Sines, Serpa e Aljustrel

VI

Monforte, Elvas,
Campo Maior, Fronteira,
Crato, Arronches,
Ponte de Sor e Vidigueira

VII

Odemira, Ourique,
Moura, Mora, Mourão,
Almodôvar, Barrancos
E Alter do Chão

VIII

Arraiolos, Estremoz,
Vila Viçosa, Gavião
Sousel, Avis, Borba,
Vendas Novas e Marvão.

Vitorino Cavaco

Vitorino da Palma Cavaco, nascido a 23 de Julho de 1945, na freguesia e concelho de Alcoutim, filho de um casal de pequenos agricultores. Frequentou a escola primária até aos onze anos, altura em que fez a 4a. classe (atual 4º ano de escolaridade).

Guardou ovelhas e andou a lavrar com uma parelha de muares, propriedade dos pais. Serviu a tropa no Exército entre 1964 e 1967. Neste mesmo ano foi alistado na G.N.R., tendo atingido a reforma no final do ano de 1997.

E casado com Maria da Conceição Fernandes Porfírio Cavaco, de quem tem uma filha e um filho, ambos casados. Cada um deles tem uma filha.

Um dos seus passatempos é fazer poesia, pois já tem dois livros editados.



A cultura popular

MOTE

Nunca deve ser esquecida
A cultura popular
Esta enorme riqueza
Devemos de a preservar.

I
Toda a história d'um passado
Das antigas gerações
São as velhas tradições
Que os povos têm criado
Seja qual for o lado
Toda a cultura é sentida
Ela faz parte da vida
E jamais pode morrer
A todos quero dizer
Nunca deve ser esquecida.

II
Sem ela ninguém sabia
Os costumes de um povo
Fosse antigo ou fosse novo
Nada pois se conhecia
Raízes do dia-a-dia
Vários modos de falar
E os estilos do cantar
Que sentimos com amor
Tem um enorme valor
A cultura popular

III
E a vida natural
Sem truques nem fantasia
É a simples poesia
Que se torna universal
Por isso não há igual
Ela é joia de pureza
Talvez a maior beleza
Que todos devem guardar
Não há dinheiro para pagar
Esta enorme riqueza.

IV
É por isso que ao escrever
Esta quadra lhes dedico
Seu património é tão rico
Outro igual não deve haver
E por assim compreender
Quero bem alto proclamar
Transmitindo o meu pensar
Para quem a cultura sente
Alertando toda a gente
Devemos de a preservar.

O Alentejo a cantar

MOTE

O Alentejo a cantar
Voa com as asas do vento
A voz entoada no ar
Com saudade e sentimento.

I
Aqui nesta imensidão
Ao sul de Portugal
Neste povo sempre igual
Fabrica o seu próprio pão
Companheiro da solidão
E das noites de luar
Noites que o faz inspirar
Para erguer a sua voz
Da nascente até à foz
O Alentejo a cantar.

II
Este cante é tradição
Espelho do Alentejo
É nele que me revejo
Foi a minha criação
Sentimento e emoção
Deste povo com alento
Com amor e sofrimento
Preservando esta riqueza
Assim como a natureza
Voa nas asas do vento

III
Por isso a candidatura
Foi bem mais que merecida
Pois é a coisa mais querida
De toda a nossa cultura
Vai canvando a terra dura
Sem o seu braço vergar
E sem a voz se calar
Seja de noite ou de dia
Assim como a cotovia
A voz entoada no ar.

IV
Com o meu pai fui cantando
As modas que me ensinou
Do meu avô as guardou
E outras foi inventando
Suas pegadas fui pisando
Marquei-as no pensamento
Sempre com elas atento
Dentro do meu coração
E saem do meu pulmão
Com saudade e sentimento.

O meu gosto pela escrita, Décimas

MOTE

Gosto muito de escrever
Mas tenho pouca instrução
Se o leitor não entender
Fica feita a explicação

I
Sinto-me bem entretido
A escrever qualquer coisinha
Sempre dentro de uma linha
Em que me encontro envolvido
Sei que não sou instruído
Faço o que posso fazer
É a forma de aprender
E chegar um pouco á frente
Por isso sinceramente
Gosto muito de escrever

II
Desta forma vou tentando
Ganhar mais conhecimentos
Aproveitando momentos
E alguns erros emendando
Também pontos vou somando
Dentro desta dimensão
Caminhando em direcção
De me tornar mais perfeito
Sei que já vou dando o jeito
Mas tenho pouca instrução

III
Contudo estou preparado
Para divulgar meus trabalhos
Aceito que tenha falhos
Porque não sou letrado
Mas tenho tido o cuidado
De lutar para vencer
Assim cumpro o meu dever
Que muito respeitarei
Mas não me chatearei
Se o leitor não entender

IV
Nos meus tempos de criança
Em Escolas nunca entrei
Que bem novo comecei
Uma vida sem esperança
Devido á pesada herança
Nos anos que já lá vão
Depois de adulto ao cerão
Começo a Escolaridade
Já com vinte e tal de idade
Fica feita e-explicação

Titulo do trabalho, Vi um menino perdido .Sextilhas

I

Vi um menino perdido
Da fome estava vencido
Com uma grande tristeza
Sem força esfomeado
O pobrezinho coitado
Mostrando sua pobreza

II

Ao ver essa criancinha
Que força já pouca tinha
Tratei de o socorrer
Fiz a minha obrigação
Dando-lhe uma refeição
E força voltou a Ter

III

É esta a forma de vida
Da sociedade perdida
A que estamos inseridos
Tanta riqueza estragada
E pobres gentes sem nada
Neste país esquecidos

IV

Esta é uma das crianças
Que vivi mas sem esperanças
De algum afecto e carinho
Foi para a vida despejado
E depois abandonado
Como um pássaro sem ninho

V

Tratei-o naquele momento
Mas o grande sofrimento
Fica em sua companhia
Fiquei nisto consciente
Que depois seguidamente
A fome lhe reaparecia

VI

Está o Mundo nesta linha
E nada se avizinha
Que isto possa mudar
O próprio rico ao nascer
É herdeiro do poder
Eo pobre herda o penar

Criança na rua

MOTE

Recordando a mocidade
As maldades que fazia
Roubei fruta no mercado
Porque em casa não havia.

I

A figsa na algibeira
A olhar os passarinhos
Adorava ver seus ninhos
E apanhar grilos na eira
O jardim era a pedreira
Para correr em liberdade
Foi assim na tenra idade
A dar topadas nos pés
Vida feita de revés
Recordando a mocidade

II

Ia à ribeira nadar
Depois apanhava rãs
Outras vezes verdemãs
Para minha mãe me fritar
Era o almoço o jantar
O que por vezes trazia
Uma vida de agonia
Era viver por viver
Por isso vou-lhes dizer
As maldades que fazia.

III

Nunca tive festa de anos
Eu isso desconhecia
Era apenas mais um dia
Paraim, e prôs meus manos
Era uma vida de ennganos
Naquele tempo atrasado
Nem sequer andei calçado
Eu fui criança da rua
Porque a vida era tão crua
Roubei fruta no mercado.

IV

Meus pais iam trabalhar
E eu ficava sozinho
não tinha nenhum carinho
Até a mãe regressar
Prôs rossio ia brincar
Imaginando alegria
E furtava o que podia
Com outros moços iguais
No mercado e nos quintais
Porque em casa não havia.

Emília da Silva David

Emília da Silva David, nasceu a 12 de março de 1937, na rua de Alvalade, em Messejana. Viveu em várias localidades, como Beja e Vidigueira, mas acabou por voltar à terra que a viu nascer.

Casou com 17 anos com Francisco Sá Petronilho, também ele de Messejana, e dedicou a sua vida ao seu casamento e aos filhos.

Começou a escrever já depois de ser mãe e criar os seus filhos, muito também devido à influência da sua irmã, Oliva David.

Participou em concursos de poesia e também colaborou no livro “Cartas de Messejana”, uma edição com vários poetas desta freguesia. Ainda hoje vai escrevendo alguns versos.



Trabalho, em sextilhas ,titulo do mesmo, Gatos com olhos de camaleão

I

Ouvem-se gatos miar
Depois tentam arranhar
Com as unhas aguçadas
Vão assim passando a vida
Mas sempre á sua medida
Fazendo as suas cassadas

II

Vão miando o seu miau
Procurando o carapau
Para a sua refeição
Lentamente farejando
Assim se vão ajeitando
Até encontrarem filão

III

São gatos muito experientes
E também inteligentes
Que sabem ser caçadores
Sempre com os seus miados
Para terem resultados
Com alguns certos valores

IV

Alguns são pardos na cor
E negros no interior
Por vezes são traiçoeiros
Cheios de más intenções
Vão provocando arranhões
Para serem os primeiros

V

Depois de atingirem metas
Que sejam ou não correctas
Acabam com os miados
Aos outros se vão juntar
Que os não deixavam miar-
Quando eram esfomeados

VI

Gatos pretos e malhados
Que muito foram usados
Como pombos de correio
Fizeram coisas tão más
Se olhassem um pouco atrás
Veriam como isso é feio

Título do trabalho, Meus livros deixo escritos

MOTE

Meus livros deixo escritos
Com rimas feitas assim
Para quando desta partir
Alguém se lembrar de mim

I

Aproveito o meu vagar
Para algo ir escrevendo
Meus poemas vou fazendo
Porque não posso parar
E assim vou revelar
A forma como são ditos
Para mim são favoritos
Assinalados a escrever
Para o leitor entender
Meus livros deixo escritos

II

Traço alguns acontecimentos
Dos que tenho acompanhado
Com outros fico calado
Dado os seus merecimentos
Mas ouço em certos momentos
Palavras com qualquer fim
Procurando trampolim
Com falsas filosofias
Respondo com poesias
Com rimas feitas assim

III

Porque nesse campo sei
Entendo que é meu dever
Para tudo isto dizer
Foi a forma que encontrei
E assim aproveitei
Para alguém advertir
Que se possa corrigir
Não usar tanta maldade
Fica assim esta verdade
Para quando desta partir

IV

Trato com todo o rigor
Quer seja velho ou novo
Porque sou homem do povo
A tudo sei dar valor
É esta a fina flor
Que tenho no meu jardim
Porque não falo latim
Digo as coisas como são
Mais tarde terei razão
Alguém se lembra de mim

"A Minha Terra"

Quanta beleza se encerra
Nas tuas casas caiadas
O branco e o azul resplandece
Quando o sol nasce e aquece
Nas tuas ruas alinhadas...
É tão linda a minha terra

Com seu trigais e montados
De ermidas circundada
De olivais e silvados...
Mas estás a ser abandonada

Estás pouco evoluída
Tens que ter filhos com garra
Mas sabes nos dar guarida
É um elo que nos amarra.

Nos meus sonhos de quimera
Trago sempre esta visão
Dentro do meu coração
Quem me dera ser pintor
P'ra pintar com primor
É tão linda a minha terra.

Ó Sr. de Assunção

Ó Srª de Assunção
Dai-nos paz e alegria
P'ra podermos festejar
O dia de Stª Maria

As festas de Stª Maria
São em vossa comemoração
És a nossa padroeira
Por vós temos devoção

Há música e procissão
E a tourada que não falta
É a nossa tradição
Temos que alegrar a malta

Temos que nos divertir
Neste dia todos os anos
Para matar saudades
Vêem nossos conterrâneos

A nossa festa é pequena
Mas tem sempre muita fama
Não se arrepende quem venha
À festa de Messejana.

Trabalho dedicado ao bombeiro, Modalidade Sextilhas.

I

O bombeiro é um soldado
Tantas vezes mal tratado
E arrisca-se a morrer
Há que o Ter em atenção
Porque é um Cidadão
Que o prouximo vai defender

II

Seja qual for a saída
Põe Em risco a própria vida
Em serviço voluntário
Acontece um acidente
Vai imediatamente
Porque é humanitário

III

Como tal é merecedor
De um destacado valor
Dado todo o seu civismo
Por isso deve ser visto
Não apenas como isco
Por algum oportunismo

IV

HÁ florestas a arder
Lá vai para defender
O que às vezes não conhece
Por as chamas é traído
E nada lhe é garantido
Quando mal lhe acontece

V

Contra o perigo vai lutando
Vidas e bens vai salvando
Leva sempre a paz consigo
Por isso deixo escrito
A rimar fica aqui dito
Que o bombeiro é bom amigo

VI

A caminho da Maternidade
Se há uma Natalidade
Está ele sempre em primeiro
Ajuda a nascer um filho
Seu humanismo é um brilho
Que também faz de parteiro

Raimundo Emídio Afonso

Raimundo Emídio Afonso, filho de Emídio António Afonso e de Mariana Domingas, nasceu em Ervidel a 29 de Setembro de 1932. Vindo de uma família de fracos recursos, cedo descobriu que a vida nem sempre era sorridente. Sempre foi um rapaz de muitos sonhos e à medida que os realizava, outros iam surgindo. Contudo, havia um que o acompanhava desde cedo: aprender a ler e a escrever. Aprendeu as primeiras letras com a sua vizinha e com o seu irmão mais novo, mas só já depois dos 20 conseguiu a 4ª classe.

Trabalhou durante muitos anos, percorrendo Portugal de lés-a-lés.

Sempre gostou de cantar umas cantigas e também de fazer uns versos, sem nunca os ter divulgado. No ano de 1997 editou então o seu 1º livro de Poesia intitulado “Viver e Recordar” e desde então não tem parado. Conta já com a publicação de 12 livros de poesia popular e aos 86 anos, continua com o seu gosto por esta.



Peripécias dos meus 14 anos

Na passagem por as alturas
Ficou a recordação
De duas amigas puras
Umbelina e Conceição.

Dos nossos passeios forçados
Ao poço de Vá-Leitão
Aonde íamos buscar água
Na burrita do tio João.

A Emília é que ouvia
Todos os dias a charotada
Porque a tia não queria
A albarda encharcada.

A burrita pachorrenta
Um dia mal se portou
Com a mosca se espantou
Num pózio se espojou
E os dois cântaros quebrou
E a Emília teve que ouvir
O que a tia ralhou.

“Imigrante”

Conterrâneo não desprezes
A nossa Terra Natal
Nem que corras seca e meca
E tenhas muitos reveses
Volta sempre a Portugal.

Volta sempre ao teu torrão
À terra que te viu nascer
Tens saudades eu pressinto
Pois já as senti não minto
Por isso sei entender
O que sentes no coração.

Também já estive ausente
E corria bem a vida
Mas sentia-me enteeda
Faltava a tua guarida
Eu não me sentia assente.

Conterrâneo já te disse
Lembra a tua meninice
A brincar no chafariz
Lembra a tua mocidade
E recordar com saudade
Nossa Igreja Matriz.

A minha infância

Minha infância já distante
Que partiu numa canção
Por mim passa assim constante
Deixando recordação

De momentos frequentados
Assim pelo meu caminho
No poiais “encherriliados”
O meu mundo pequenino

De ti varanda à esquina
Oh que imensa saudade!
De meus laços de menina
E do teu fresquinho à tarde

Aquelas noites em viela
Quando ouvia cantar
Por baixo da minha janela
Serenatas ao luar

Cada linda melodia
Por vezes lendas também
Que eu assim adormecia
Mais ditosa que ninguém

O meu olhar

Fiquei p'ro céu a olhar
Vendo as estrelas correr
Bendito seja o autor
Que tem tão grande poder.

Passei horas, não sei quantas
Naquele quadro pregada
As estrelas tantas, tantas
E eu no luzente encantada.

Senti desejos sem fim
Que a noite ficasse em mim
Nesse brilho eternamente
Bendito seja o autor
Que também é criador
De todo o grande luzente.

As horas ali passaram
E no silêncio soaram
Até que foi madrugada
Caem na noite dolente
Uma a uma lentamente
Por sobre a noite calada.

Messejana

Um caso nos fez tremer
Mas que grande aflição
Eram mulheres a gritar
Eram fios a arder
Mas que grande confusão

Não apelaram prá calma
As mulheres a gritar
Numa rua em Messejana
O mundo ia acabar

Os gritos dos assustados
Ainda mais nos fez tremer
Já se viam amortalhados
Eram os fios a arder

Neste pequeno fenómeno
Já viam as casas a arder
Parecia um pandemónio
Com tanta gente a correr

Tudo se queria salvar
Mas nesta confusão
Não viam que se tocavam
Os fios de baixa tensão

Inácio Moleirinho Valverde

Inácio Moleirinho Valverde, filho de António Julião Valverde e de Mariana Júlia Moleirinha, nasceu a 2 de agosto de 1934 em Ervidel, terra que o viu crescer. Foi pela altura do 25 de abril de 1998 que se dedicou a recolher e também a escrever os seus próprios poemas e desde então, tem sempre mantido esse gosto pela escrita.

Para além da poesia, dedica desde 1998, parte do seu tempo ao Grupo Coral de Ervidel "Margens do Roxo", onde se faz representar enquanto dirigente, mas também enquanto elemento do grupo e compositor de letras.



A minha terra

Minha terra enfeitada
De suaves moradias
Perdidas na madrugada
E no som de todos os dias

Minha terra decorada
Primavera em flor
Passarinhos vedada
Cantando o hino de amor

Minha terra da infância
De bons momentos recordados
Da ilusão de esperança
Por meus tempos já passados

Minha terra de açucenas
Papoilas encarnadas
De meus sonhos e poemas
Campinas encantadas

Minha terra quando um dia
Por leis da vida te deixar
Fica a minha poesia
O meu amor te revelar

Num passeio que dei...
"Recordando Coimbra"

Coimbra das serenatas,
De antigas tradições.
De seus recantos d'amor,
Houve-se o fado e canções.

Suas margens pitorescas,
A linda fonte dos amores
Onde as guitarras soluçam
Seus poemas sonhadores

Lindo Choupal do Mondego,
Que nem mais eu esqueci.
E o rio de prata a correr,
A beijá-lo, como o vi.

Por entre tanta beleza,
O Buçaco é um encanto.
Vejo em si, entrelaçada,
A primavera, em cada canto.

Por toda a parte, verdura,
Vinhas, pereiras, sem fim.
E as mais bonitas hortenses
Debruçadas sobre mim.

As matas tão verdejantes
No Luso!... A água a brotar.
Esses passeios floridos
Que não conseguem cansar.

Lindas terras visitei
E fui dormir à beira-mar.
Vi como a vida é um sonho
Quando se a pode gozar.

Que panorama encantado,
Que passa na minha mente
Em belezas naturais,
Por mim, tão suavemente...

MOTE

O vinte e cinco de Abril
Na história está gravado
O dia da Liberdade
Em Portugal renovado

I

Graças à grande aventura
Dos homens com heroísmo
Derrubaram o fascismo
Aboliram a censura
Acabou a ditadura
Que neste País era vil
Para militar ou civil
Tudo isto terminou
Assim que se instaurou
O vinte e cinco de Abril

II

Foram as Forças Armadas
Que fizeram a revolução
Com cravos vermelhos na mão
Muito bem organizadas
Unidas e de mãos dadas
O seu golpe foi lançado
Surgiu sem ser esperado
Sem ninguém imaginar
Para sempre recordar
Na história está gravado

III

Deve ser comemorado
Desde o Sul até ao Norte
Com entusiasmo forte
Sem ser ignorado
Que ninguém fique parado
Mantendo serenidade
A esta realidade
Todos temos o dever
Não deixarmos esquecer
O dia da Liberdade

IV

O povo lutava então
Pelo pão de cada dia
O regime o impedia
Usando a repressão
Por essa mesma razão
Não se pôde estar calado
Para isso foi preparado
Cravos e uma canção
Que andavam de mão em mão
Em Portugal renovado

MOTE

O 25 de Abril
É como o Maio do passado
Criaram a mesma imagem
Deu o mesmo resultado

I

O povo não aproveitou
A grande oportunidade
Confiando na verdade
Em tudo acreditou
Com inocência aceitou
Esperando ver o céu de anil
Nuvens negras são às mil
Que nos deixam no escuro
Qual foi então o futuro
O 25 de Abril

II

Não houve esclarecimento
Ao fazer esta mudança
Parecia trazer esperança
O grande acontecimento
Mas até este momento
O país já está cansado
Esperando ser compensado
Do que lhe foi prometido
Nada lhe está garantido
É como o Maio do passado.

III

Houve muita garantia
De uma vida melhor
Mas cada vez está pior
E mais difícil a fatia
Por esta já se combatia
Com elevada coragem
Espalharam a falsa mensagem
Iludindo o inocente
Colocados de frente a frente
Criaram a mesma imagem.

IV

Portugal seguiu a rota
Que outrora tinha seguido
Sem ter concluído
A viagem da sua frota
Sujeitou-se a derrota
Sem dar o nó desatado
Deixando tão mal tratado
O triste do Zé-povinho
Seguiu o mesmo caminho
Deu o mesmo resultado.

Às crianças da escola que
eu acompanhava de quando
desempenhava as funções de
Auxiliar de Ação Educativa.

Criança que brincais tão docemente
A rirem e a cantarem suas canções
Deixai viver-te nessas ilusões
Que a vida agora é vossa plenamente.

Abraçai a bela aurora quem vem vindo
Com os teus sonhos cor de rosa essa quimera
De teu mundo pequenino mas tão lindo
Que hoje ser criança como tu ó quem me dera.

Quando estou junta a ti vou recordar
O meu rir, o meu correr e o meu cantar
Levada numa imensa saudade.

Os momentos que feliz adormecia
E que acordava a sonhar a fantasia
Nessa tão distante e tenra idade.



Olivia David

Nasceu em Messejana na rua de Alvalade. Tem 84 anos e é viúva.
Tem um filho.
Sempre viveu em Messejana.
Trabalhou com crianças na escola quase durante 40 anos .
Guarda boas recordações e bons amigos desse tempo.



MOTE

Vai de Espanha até ao mar
Desde o Algarve ao Rio Tejo
Perde-se de vista a olhar
É tão grande o Alentejo

I

O escuro representativo
Na bandeira nacional
Simboliza afinal
Todo o seu objectivo
Mantendo sempre bem vivo
O grande feito de pasmar
Há provas a confirmar
Refere o antepassado
O domínio alcançado
Vai de Espanha até ao mar

II

Do que valeu o talento
Para as gerações futuras
Dos homens de aventuras
Com o poder violento
Sem perderem o alento
Lutando com muito ensejo
Para consumir o desejo
De terreno conquistado
Hoje está desabitado
Desde o Algarve ao rio Tejo

III

Dos heróis conquistadores
Temos a recordação
Portugal uma nação
Teve bons navegadores
E grandes descobridores
Que souberam trabalhar
Para assim amealhar
O que deixaram por herança
Tudo quanto a gente alcança
Perde-se de vista o olhar

IV

Glória e contentamento
Sobre o tema aqui exposto
Num clima que dá gosto
Através desse movimento
Surge em qualquer momento
Surpresas de sobejo
Quem olhar ver como eu vejo
Subindo ao cume do monte
A perder no horizonte
É tão grande o Alentejo

Pseudónimo: O Inventor

MOTE

Ervidel está em festa
Pela décima edição
Divulgando os seus produtos
Raízes da tradição

I

No largo da Liberdade
Junto ao monumento
Se junta o movimento
Festejando com serenidade
Sobre esta realidade
O povo se manifesta
Sua homenagem presta
Com rigor e cortesia
Música e poesia
Ervidel está em festa

II

A Vinicultura é importante
Na época do S. Martinho
Com castanha assada e vinho
Atrai qualquer visitante
Pelo interesse constante
Faz a observação
Sobre a vinificação
E aos produtos regionais
Ranchos e grupos corais
Pela décima edição.

III

A Junta de Freguesia
Teve a iniciativa
A qual foi positiva
Isenta de fantasia
Sem exigir demasia
De modo absoluto
Tentando manter o fruto
Nesta região criado
Revivendo o passado
Divulgando o seu produto.

IV

Fazem parte do programa
A Adega Colectiva
Junto ao Lagar mantém viva
Gastronomia de fama
Enriquece o panorama
Abrange a população
Herança de uma geração
Que sofreu dificuldade
Mas deixou com habilidade
Raízes da tradição.

O que é o amor me perguntei um dia
Será sentimento, será estado de alma
Senti-lo, e por vezes, nos trás agonia
Mas tantas vezes nos trás paz e calma.

O que é o amor perguntei ao luar
Perguntei ao vento e Às madrugadas
Ao rouxinol que ouvia cantar
E Às flores do campo sempre renovadas.

E corri o mundo aqui e além
O que é o amor não sabe ninguém
Que palavra é esta sem decifração...

Um dia encontrei-te assim sem falar
Só com uma simples troca de olhar
Achei a resposta no teu coração

Soneto

Perdi os meus castelos encantados
Perdi as minhas esperanças uma a uma
Pelos poentes vermelhos de brocados
Como a onda que se espraia e se esfuma

Perdi as minhas ilusões de outrora
Com que enfeitei a minha mocidade
E que recordo hoje a cada hora
Na minha vida feita de saudade

Perdi tudo aquilo que me deu vida
Só me resta a saudade que eu queria perdida
E que me tortura e me mata aos poucos...

É taça agridoce que vou esvaziar
É um fado triste que choro a cantar
Agonia lenta dos meus sonhos loucos.

Quadras dedicadas ao percurso de vida

MOTE

Eu ao mundo fui lançado
Para o percurso da vida
Pelo destino marcado
Tenho a missão cumprida

I

Com respeito e humildade
Foi a minha criação
Vivendo sem ambição
Sem egoísmo e sem maldade
Isto é realidade
A história do meu passado
Algumas vezes privado
Das regalias sociais
Tanto eu como outros mais
Eu ao mundo fui lançado.

II

A alguns bens da natureza
Eu nunca tive direito
Muitas as vezes sujeito
Num ambiente de pobreza
Onde reinava a tristeza
De maneira comovida
Minha voz não foi ouvida
Por quem não tinha coração

José Carlos Albino

Nascido a 10 de Março de 1954, de cesariana, no Hospital da CUF, berço simbólico do capitalismo português, aterrou com uma semana na sua vila alentejana de Messejana, onde entre bela família viveu até aos 9 anos. Partindo para Lisboa com pais e manos, aí viveu até aos 33, sendo que Sines foi sua estância de boas amizades juvenis.

A adolescência e juventude foram anos de militância cristã progressista no Liceu Padre António Vieira, de jogador de andebol no CDUL e aprendiz de boémio e cinéfilo com amigos de Sines, os manos e pessoal do “bairro”.

A canseira da Cidade e o apelo às terras do sul de origem, levam-no de volta a Messejana, desenvolvendo projecto pioneiro que no seu êxito leva-o a co-fundar a “Esdime”, enquanto uma das primeiras Associações de Desenvolvimento Local.

Anos noventa adentro e primórdios do XXI, é no movimento do DL que vai trabalhando e vivendo e já com duas Filhas de dois Amores, vidas festivas várias e cidadania interventiva no Baixo Alentejo, esgoto-se.

Recuperando e vivendo em Messejana, faz-se consultor nas suas áreas de conhecimento, com vivências nas gentes das terra e, talvez, com mais tempos e modos de si para si.

A fome, já vivida, da Escrita poética, na observação dos viveres, declarou-se e fez-se alimento fulcral do coração e razão. E cá vamos vivendo, com o seu Livro de “escritos poéticos”, “No Reino do Gerúndio”, em edição.



Maria Vitória Ruas

MOTE

Havia em tempos passados
Touradas em Messejana
Nos arredores não havia
Pegadores com tanta gana.

I

Em tempos que já lá vão
Numa praça improvisada
Toda de carros cercada
Faziam a vedação
Saudosa recordação
Desses tempos recuados
De pegadores afamados
Gente sem medo da morte
Entregando a vida à sorte
Havia em tempos passados

II

Tarde de pó e calor
Que hoje lembro com saudade
E na minha mocidade
Eu vivia com ardor
E Hoje recordo com amor
Tanta tarde alentejana
E essas pegas com gana
Tarde de Santa Maria
Essas tardes em que havia
Touradas em Messejana

III

Aos pegadores afamados
Desse tempos que lá vão
Vai uma recordação
Por mim são todos lembrados
Hoje Velhos e cansados
Já perdida a valentia
Mas dizem com alegria
Que nesses tempos passados
Pegadores tão afamados
Nos arredores não havia.

IV

Destemido e valente
Mal saia a fera brava
Já um pegador estava
Sem medo a fazer-lhe frente
Fazendo vibrar a gente
Que ao ver essa luta insana
Com essa fera tirana
Grita com alma e ardor
Que nunca houve em redor
Pegadores com tanta gana

Dedicado ao meu pai

MOTE

O Ferrador a seu jeito
Calçava quando ferrava
Levava coices no peito
Dos animais que ele amava

I

Foi a sua profissão
Essa que ele escolheu
Ou que o seu fado lhe deu
Por destino ou por condão
Sempre a mesma direcção
Com carinho e com preceito
Trazendo sempre no peito
Pelo trabalho afeição
Trabalha com devoção
O ferrador a seu jeito.

II

Era sempre com carinho
Era sempre com amor
Dando ao trabalho valor
Lá seguia o seu caminho
E naquele seu cantinho
Onde sempre trabalhava
Na bigorna martelava
Dando à ferradura jeito
Bem fundo no seu conceito
Calçava quando ferrava.

III

Trabalhava duro que cansava
Desde manhã ao sol
Sempre com o mesmo ardor
Ao seu trabalho se dava
Quantas vezes madrugava
Para ao trabalho dar jeito
Tudo fazia direito
Esforçando-se até demais
E as vezes dos animais
Levava coices no peito.

IV

A lidar com animais
Passa a vida o ferrador
Mas no peito sente amor
Por esses irracionais
Que são como vendavais
Que ele forte enfrentava
Com carinho os acalmava
Como quem apaga lume
E quase entendia o queixume
Dos animais que ele amava.

"Amorzade"

às vezes, sentimos veias eriçadas,
porque humano nos tocou;
outras vezes, o coração palpita,
enquanto deciframos as razões
das batidas da alma

os olhos não nos enganam;
as histórias que vivemos,
em harmonia,
valorizam o que
os olhos não vêm

soltam-se labaredas de partilhas,
de corpo e alma,
com a razão,
por companhia

o amor,
nas suas matizes,
toca-nos por dentro,
mesmo no meio de nós

os corpos e os tactos
acariciam-nos,
enquanto as almas
se abraçam,
em fraternos amores

nascem sementes,
criativas,
florescendo
eternas amizades

zé carlos albino,

Céu de mais

sem palavras,
sem musas,
o céu que agora
me caiu em cima,
cidrou-me

sem máquina fotográfica
sem olhos que processem
imagens das profundezas
dos seres,
procuro-me cá por dentro
sem poesia por companhia

vi ondas
vi rebanhos
vi poços sem fundo
vi a clareza do escuro
senti
paraísos infernais
senti-me
pigmeu infantil
senti
o chão nos céus
a fugir-me

debaixo dos pés,
concluí
a grandeza da
mãe natureza
esgrimimos sentimentos
paridos em palavras
mas
apenas cães vadios
uivando por
comidas celestiais

com as imagens possíveis
no meu pequeno ser,
contente por as ter vislumbrado
recolho-me
encolho-me
enrolo-me
nas mantas das
vidas reais

zé carlos albino.
Messejana, madrugada de 22 de
Maio de 2016 .

Quadras Softas

Nesta vida tão vazia
Sem caminho nem estrada
Vou caminhando sózinha
Com a saudade e mais nada.

Não tenho medo da noite
Por mais escura e por mais fria
A que trago no meu peito
É mais triste e mais sombria.

Tu julgas que tudo sabes
Que és um mestre de valor
Nesta vida só é mestre
Que sabe ensinar o amor.

Se a tua cruz te pesa
Eu te ajudo meu irmão
Uma cruz que é repartida
Alivia o coração.

Tristezas que o vento leva
São as mais leves da vida
As piores são as que fazem
Do nosso peito guarida.

Maria Vitória Brito Ruas Pinto

Maria Vitória Brito Ruas Pinto, nasceu em Messejana no dia 14 de Janeiro de 1939. Filha António Ruas e de Francisca de Brito Marques. Casou no dia 23 de julho de 1967 com Joaquim Pinto da Silva. Estudou em Beja onde tirou o curso de professora de Ensino Básico, na antiga Escola de Magistério Primário. Sempre gostou de escrever e fazer versos. Tem 1 livro de sonetos, outro de recordações e foi co-autora do seu livro intitulado “Cartas a Messejana”.



Em turbilhão

as pedras,
de jogos vários,
soltam-se
vagueiam-se
conjugam-se
espreitam-se
escondem-se
marcam-se,
enquanto os jogos
jogando-se
ora se perdem
ora se ganham

mas,
pedras são pedras,
emoções corações
desejos criações

zé carlos albino,

Escrita Imortal

Escrevo para não morrer, já.

Escrevo porque na solidão do eu,
Sinto-me alguém de ideias,
Ideias fluidas e, talvez, misteriosas.

Escrevo sobre vidas vividas e
Sonhos por, quiçá, vir a sonhar vivo.

A ilusão dum “Mundo Novo”,
Sempre me bateu e conduziu.
Os tempos e modos olhados,
São sinais de fogos de existências,
Por existirem ao contrário dos tem-
pos sonhados.

O contrário é outra coisa,
Ou o reverso fotocopiado
Das nossas curtas forças?

Somos pequenos nadas enfeitados,
Enfeitados de ilusões de deuses em
nós,
Quando os Deuses, na possível
existência,
São Seres de outras dimensões no
Cosmos.

Quando nós,
Simples seres convencidos de ra-
cionalidades,
Convencidos que razão é mais que
coração,
Somos charlatões de audazes pan-
tominas.
Mas viver para quê e porquê ?
Sabemos que, por sangue e alma,
Fazemos parte dum histórico,
Vivido e por viver,
Que nos liga aos confins do mundo,
Esse infinito misterioso.
Talvez, razão primeira para persistir-
mos, vivendo.

Escrevendo, vivo o por ir viajando,
Vivendo escrevo as vidas reais,
Teimando, ir tocando, a meias,
Os seios das felicidades das mães
natureza,
Nas harmonias das belas artes !

zé carlos albino, Lisboa

Angústia

Minhas lágrimas em trambolhão
Dos meus olhos se soltaram
Por serem mais forte que a razão
No contacto com o solo se quebraram

No meu coração rasgaram a dor
A tristeza e a vontade de gritar
Nas veias espalharam terror
Por não te poder amar

Da sua chama as cinzas restaram
Desapareceu a nuvem de fumo
Mas elas não se calaram
Somente mudaram seu rumo

Quero a tristeza ultrapassar
Quero ter a alegria de viver
Sentir o testemunho passar
Deixar a melancolia correr

Corre o rio para o mar
E a felicidade assim de mim
Numa velocidade louca de alcançar
Porque foge ela tanto de mim... ?

Meu Alentejo

Longe de ti não existo
Tu para mim vales ouro
Cheio de alma e coração
Alentejo meu tesouro

Vivo para não te esquecer
Nestes dias de mudança
Deixaste de ser sequeiro
Passaste a abundância

No meio de tanta água
Mais pareces um rio
Onde agora a terra dança
Com tanto regadio

Agora só o tempo recorda
Os campos de trigo ceifados
Molhos de sementes de pão
Com seus fardos enfeitados

Agora tudo o que vejo
São olivais plantados
Algumas vinhas também
E os campos alagados

Este meu Alentejo
Dá tudo o que é plantado
Milho, tomate e cebola
Mas tem que ser bem regado

Antes era sequeiro
Agora virou regadio
Com tanta água a correr
Mais pareces um rio

Dá gosto ver crescer
As plantas ao seu lado
Perfumadas e verdejantes
Lembrando um jardim plantado

Ao som dos pardais
Vivo para não te esquecer
Cantando com as estrelas
Em cada anoitecer.

No deserto, sorrisos

nas entranhas de nós
nas pegadas dos pássaros que nos rasam
o ser por ser
nos peixes sem água
desertifica-mo-nos

anunciam-nos oásis
espreitamos nuvens de sol
recebemos bofetadas de ventos medonhos
saltamos em dunas invisíveis
uivamos por sons que nos acordem

uns humanos apenas
uns olhos que nos olham
uns braços que nos aproximam
uns ouvidos que nos oiçam
umas papilas que nos sintam
uns odores que nos desafiem
enchem-nos de vida
vida incerta
com um sorriso
como janela
voamos pelo desconhecido deserto
por descobrir
por reinventar .

zé carlos albino,
Messejana, 8 / 9 de Outubro de 2016.

Mariano Augusto Patinha Vieira Neves

Nascido na cidade de Beja, na Freguesia de São Salvador a 24 de julho de 1933.

Filho legítimo de Adelino Vieira Neves e de Maria Francisca Marques Patinha Vieira Neves, ambos naturais da cidade de Beja.
Contraiu matrimónio a 22 de setembro de 1957 com Etelvina da Palma Tendeiro na conservatória na Conservatória do registo civil de Aljustrel.

Dedicou-se a várias artes, como desenho e pintura. É colecionista, e nos últimos anos dedicou-se também à escrita.
Depois de viajar por vários locais e morar em várias cidades e países do mundo, mudou-se para Aljustrel definitivamente em 1991. Neste momento, encontra-se a preparar um livro com o nome “Os meus Retalhos e Pensamento”.



Os livros

São tantos os livros
Que me ensinaram a crescer
São todos muito educados
Só não tenho tempo de todos ler

Quando caminho para a escola
Levo - os todos comigo
No braço ou na sacola
Seguem as pedras que piso

Nunca falaram para mim
Com tanto para me dizer
Mas com eles vou ficar
Até tudo aprender

Foi na escola primária
Que aprendi a desfolhá – los
Mais tarde na secundária
Aprendi também a amá - los

São a minha paixão
Sonhos por outros vividos
Horizontes longínquos.
De jardins floridos.

Perdi-me olhando a pipa

Perdi – me olhando a pipa
Não sei qual a razão
Devem ser minhas mágoas
A rasgarem – me o coração

Nesta festa de Ervidel
Haja alegria a valer
O vinho é minha alma
Por ele vou beber

Nesta festa da talha
Vamos amigos rever
Beber uns copos juntos
Pois recordar é viver

Misturando lágrimas e sorrisos
Vamos juntos festejar
Com novos e velhos amigos
Vamos todos fraternizar

A culpa é do vinho
Mas não o quero magoar
Hoje vou dormir com ele
E amanhã acordar

Ervidel terra de vinho
Já sinto as pernas a tremer
Não sei se é do branco ou do tinto
Só sei que vou beber valer

Pode me faltar tudo na vida
Só não me pode faltar o vinho
Engana a sede e a saudade
Seja no Alentejo ou no Minho

O vinho é o néctar do amor
Travesseiro dos meus queixumes
De encontros e desencontros
Que transporto sem medos

É uma virtude dele beber
Coloca do avesso o coração
Desperta mágoas e dor
Abre a porta à emoção

Um copo de vinho à mesa
Nunca fez mal a ninguém
Faz soltar palavras e risos
Fazem – se amigos também.

Tormento

Portugal quando te deixei
Pr’a África fui emigrar
Foi sonho que sempre sonhei
Na esperança de não voltar.

Ali eu fui feliz
A felicidade encontrei
Mas o destino não quis
E a Portugal retornei.

Regressei nunca pensando
Saudades suas havia de ter
E o tempo ia passando
Sem eu poder esquecer.

Hoje triste e amargurado
Ao seu solo regressei
Por não ter a meu lado
Aquela que sempre amei

Ela também desejou
Ao teu solo regressar
Mas a doença a matou
Sem seu sonho realizar.

Apesar de todo o amor
Que família e amigos dão
Não apagam minha dor
Que trago em meu coração.

Ignorância

Dizeis ... DEUS não existe
Como podes assim falar
O vento por acaso vistes?
Como ousais blasfemar

Olhai natureza
Seus campos verdejantes
Vede sua grande beleza
Suas florestas pujantes

Olhai os belos jardins
Com suas lindas flores
Entre rosas e jasmims
Numa mistura de cores

Olhai por um momento
Uma noite com luar
A lua no firmamento
As estrelas a brilhar.

Dos oceanos que dizer
Sua fauna exuberante
Seus corais são um prazer
Não pensais por um instante

Como podes assim pensar
Que não há um Criador
Como se pode assim formar
Tão grande e belo esplendor

Retalhos De Infância

Crescemos juntas na mesma rua
Brincávamos ao trapinho queimado
Que numa procura apressada
Escondíamos em qualquer lado

Jogávamos também ao pisa
Foss e de inverno ou de verão
Quando alguma ganhava
Era grande a emoção

Quando as mães nos chamavam
Queríamos sempre ficar mais tempo
Mas quando o pai à porta vinha
Íamos logo para dentro

Ao domingo íamos à missa
Alegres e muito sorridentes
Bem vestidas e perfumadas
Regressávamos sempre contentes

Passaram alguns anos
Entrámos na escola
Carregando cadernos e livros
No regaço ou na sacola

Foram tantos os livros
Que nos ensinaram a ler
Foram todos muito educados
A todos temos que agradecer

Hoje juntas outra vez
Recordando a nossa infância
Nesta escola já velhinha
Que frequentamos em criança

Trocamos os lápis e cadernos
Por computadores e ratos
Também temos aquecedor
E refeições de prato e garfo

Ao teclar espreitamos
O mundo pela janela
Sempre juntas caminhando
Nesta amizade sincera

Vamos assim continuando
Enquanto a saúde deixar
Que perdure no tempo
Até a morte nos separar.

Maria de Fátima Paulino

“Nasci nos anos 60 no Concelho de Odemira, e no meio da história de vida dos meus pais, vim dar os primeiros passos à Aldeia de Ervidel, onde permaneço ainda hoje.

O meu percurso no mundo da poesia surgiu desde os tempos da escola, onde recordo que todos os cadernos tinham frases e versos.

E enquanto me correr nas veias esta chama e eu “durar”, estarei aqui para o “transmitir.”



Pensamento

Numa noite de luar
Meditei em pensamento
Vendo a lua a brilhar
As estrelas no firmamento

Aonde está a felicidade
Aonde está a paixão
Não existe a caridade
As pessoas clamando estão

Só vejo a maldade
Guerras a afluir
Poluição em quantidade
E o mundo sempre a ruir

Aonde está aquela paz
Que tanto se proclama
No mundo nada se faz
Ao mundo tudo se chama

Deixem o mundo viver
E todos os seus habitantes
Os rios para os mares correr
E suas florestas pujantes

Neste mundo sem amor
Que só nos traz confusão
Para a morte medo e dor
Ninguém estende a mão

O homem com seu poder
Querendo tudo alcançar
Vai destruindo sem ver
Que o mundo pode acabar

Mas levantai nosso olhar
Procurai o Criador
Só Ele nos pode salvar
Deste mundo de terror

Tende Piedade

Como é bela a natureza
Vista através do amor
Ao redor tudo é beleza
Toda ela é esplendor

O ar que respiramos
A comida que comemos
A roupa que usamos
À natureza recorremos

Porquê tanta maldade
Para a terra destruir
Tende dela piedade
Não a deixando ruir

Acabem com a guerra
Acabem com a poluição
Olhem com amor p'ra terra
E viveremos com satisfação

Alentejo

Em Ourique, tu soubeste ser guerreiro,
Soubeste ser mineiro em Aljustrel,
Em Serpa, tu soubeste ser roupeiro,
Soubeste ser oleiro, em Beringel.
Em Évora, tu cantaste a poesia,
Pela pena magistral de Florbela
Que te enalteceu, Alentejo, em primazia,
Porque saber fazê-lo, só soube ela.
E os conventos de Beja, onde Mariana
Morreu d'amor pelo francês,
Foram escolas d'uma arte soberana
A que melhor no mundo 'inda se fez.
Entre açúcar, ovos e farinha,
Amendoa, mel, doçura louca,
- Onde o cônego, o abade e a freirinha
Iam sempre adoçar o céu da boca –
Nasce a alma desta nossa doçaria
No desejo de saber, cada vez mais
Deliciando a nossa vida em cada dia,
Guardas o gosto dos saberes ancestrais.

Janela da minha casa

Nesta janela baixinha
Sonhei eu, horas paradas,
Uma fantasia minha
Em noites enluaradas.

Divagando, o pensamento
la com 'strelas brincar,
No alto do firmamento,
Através do meu olhar.

Janela dos meus encantos,
Dos meus devaneios d'outrora...
Dos meus sonhos, tantos... tantos...
Que é feito deles agora?

Partiram no turbilhão
Do tempo que passa breve,
Deixando meu coração,
Mais ôco, mais frio, mais leve...

Janela da minha casa,
Quando hoje m'encosto a ti,
Só a saudade me abraça,
Dos sonhos que aqui vivi.

Ser Velho

Como é triste chegar a velho
E não ter sua vontade
Todos nos dão seu conselho
E não temos liberdade

Somos como marionetes
Movidos por cordelinhos
O vento nos torna brinquedos
Como velas de moinhos

Somos como farrapos
É velho deita-se fora
Não se esqueça que os trapos
Servirão noutros outrora

Andamos aos trambolhões
Ninguém olha p'ra nós
Todos nos pregam sermões
E só ouvimos sua voz

Maria do Céu Assunção Capela

Maria do Céu Assunção Capela, nasceu em Messejana concelho de Aljustrel a 7 de março de 1943. Desde muito cedo se interessou pela cozinha e pelos segredos de culinária, dedicando-se inicialmente a confecção de almoço, jantares e sobremesas, apenas para a sua família o que lhe permitiu efetuar preciosas aprendizagens. Mais tarde viria a ganhar notoriedade na preparação e confecção de comida para casamentos e batizados.

Em 1989 concluiu o curso de hotelaria e turismo promovido pela SECOOPSERVE e exerceu durante 20 anos a profissão de cozinheira na Santa Casa da Misericórdia de Nossa Senhora de Assunção, da qual é uma das fundadoras. Mas associado ao gosto pela culinária sempre teve consigo a paixão da leitura e da escrita de poemas. Cujos os temas são todos relacionados com as suas vivências, com a sua experiência de vida. Participou em vários concursos de poemas promovidos pela junta de freguesia ou pela Santa Casa. Colaborou na edição dos livros Poemas "Poetas da Minha terra" e "Cartas à minha Terra",

Editou 2 livros de sua autoria, um de poemas cujo o tema é "Recordações" e outro sobre culinária, a sua verdadeira paixão "Uma vida a cozinhar".

Ainda hoje, quando o coração lhe bate e a memória lhe traz recordações não resiste a escrever uma linha sobre o que lhe vem no pensamento.

Atualmente encontra-se reformada, mantendo a culinária e a escrita como um dos seus principais hobbies.



Convite

Vem ver entardecer na minha aldeia,
Vem ver o Sol declinar, no horizonte...
Depois, mais tarde, aqui mesmo defronte,
Podes ver a lua prateada e cheia...

Verás também um majestoso monte,
Onde frondosa árvore se alteia
E abriga em si a ave que chilreia
A saudar o Sol, logo que desponte.

Sob o veludo escuro deste céu,
Deste formoso céu que é meu e teu,
Sentiremos ambos o seu suave encanto...

Não me recuses o convite, Amigo!
Dá-me essa tua mão e vem comigo
Ver a terra a quem quero tanto.

O Sabor da tradição

Sabe a mato,
Sabe a esteva,
Sabe a mel,
Sabe a flores,
Sabea cravos em Abril,
Sabe a Maio de rosas mil,
Sabe a rosmaninho, a violetas,
Tem travo de azeitonas pretas,
Sabe a torresmos lourinhos,
Sabe a sonhos bem fofinhos,
Sabe a pão quente, cheiroso,
Sabe a presunto gostoso,
Sabe a tiborna de azeite,
Sabe a sopinhas de leite.
Na Páscoa sabe a folar,
E no óleo quente, a saltar,
A filhós, no carnaval,
Rabanadas, no Natal...
Sabe a açorda, no Inverno,
Sabe a gaspacho, no Verão,
Sabe a isto... A tradição!

Dia de Santa Maria

(2º Prémio no Concurso de Poetas em Agosto de 2005)

I
Vou dedicar estes versos
Especialmente a este dia
Porque é dia da Senhora de Assunção
É dia de Santa Maria

II
É quando regressam todos
Baixinho vem rezar
E vão pedindo saúde
Para poderem voltar

III
Eu estou sempre a pedir
Mas Ela não me leva a mal
E vai sempre me ouvindo
No que me pode ajudar

IV
E eu com grande alegria
Lhe vou agradecer
Passe os anos que passar
Eu não a vou esquecer

V
Já não tenho minha mãe
Para meus segredos contar
Por isso me dirijo a ela
Que ficou no seu lugar

VI
És a nossa milagrosa
Senhora dos Olivais
Quanto mais anos se passam
Mais a gente te quer mais

VII
Foram os nossos conterrâneos
Emigrados no Brasil
Que a trouxeram para cá
E a Ermida mandaram construir

VIII
E assim me vou despedir
De lenço branco na mão
Fazendo adeus a uma Santa
Que é nossa Senhora de Assunção

O Foral

I
Foi D. Manuel Primeiro
Que lhe deu o seu Foral
Foi terra muito importante
No tempo medieval

II
Foi no ano 1573
Que D. Sebastião aqui passou
Ficou encantado com tudo
Até da comida gostou

III
A casa dos Morgados
Lhe serviu de Pousada
De madrugada se levantou
E foi fazer uma caçada

IV
A visita durou três dias
Achou Messejana engraçada
Houve vivas e mais vivas
E não faltou a tourada

VI
Com a praça improvisada
Mas ninguém disse que não
Os anos foram passando
Ainda se mantem a tradição

VII
Eras muito importante
Tinhas Cadeia, Misericórdia e Hospital
O Convento, as Igrejas o castelo
Cirurgião, Juiz e Tribunal

Eu tinha direito

(À memória da minha amiga Vicência, que me incentivou a escrever este poema)

Quando era menina, vivia a sonhar...
Hei-de ser escritora, eu hei-de estudar.
Se o mundo é belo, se o mundo é perfeito,
Sou ainda pequena, tenho esse direito.
Depois mulherzinha, pode constatar
Que quem é pobre, não pode estudar,
E deixei a escola para trabalhar.
Mas de novo os sonhos, nesta cabecinha...
Eu hei-de casar, ter uma casinha,
Se o mundo é belo, se o mundo é perfeito
Sou tão nova ainda, tenho esse direito.
Veio o casamento, com ele a casinha,
Mas para a poder ter e os filhos criar
Tenho que trabalhar, tenho que trabalhar,
Porque esta minha casa está hipotecada
Nunca mais é minha, eu não tenho nada.
Seguindo p'ró fim desta caminhada,
Pergunto cansada...
Ó mundo tirano, ó mundo imperfeito,
Seria só isto a que eu tive direito,
A esta dor nas costas,
A esta dor no peito?!

Maria Emília da Silva Efigénio Sales

Maria Emília da Silva Efigénio Sales, nasceu a 16 de Outubro de 1945, na Freguesia de São João de Negrilhos, Concelho de Aljustrel. Atualmente aposentada, é fundadora de uma IPSS em São João de Negrilhos.

Desde muito cedo se dedicou à poesia, tendo colaborado com jornais e revistas. Concorreu a vários Jogos Florais de âmbito nacional, onde teve alguns dos seus trabalhos premiados.

Neste momento, embora não se dedique tanto à escrita, deixa aqui alguns poemas que tem inéditos, dedicando-os ao seu marido e filhos – a razão da sua existência.



Saudade

I
A saudade é imensa
Dentro do meu coração
Quando brincava na rua
Em tempos que já lá vão

II
A saudade de brincar
Com as minhas amigas
Com as bonecas de trapo
Cantando nossas cantigas

III
A saudade de ir para a Escola
Com a malinha na mão
Eu adorava isto tudo
Mas são tempos que já lá vão

IV
A saudade de brincar
No pátio da minha escola
Com o livrinho de segunda mão
Dentro da minha sacola

V
A saudade de ter
Apertado na minha mão
Aquela boneca linda
Feita de papelão

VI
A saudade de ouvir
Os belos contos contar
Nas noites de Inverno
E o velho chupão a fumar

VII
A saudade de ouvir
Nas noites de Inverno a valer
A velha telha partida
Numa goteira a correr

VIII
A saudade de ainda ter
Junto de mim os meus pais
Minha irmã e padrinho
Não sei qual eu queria mais

IX
A saudade de sentir
Minha mãe me pentear
Fazendo as minhas trancinhas
Para eu ir passear

X
A saudade de me levantar
E a bênção eu pedir
Ao meu pai e a minha mãe
E a resposta eu ouvir

XI
A saudade de ouvir
Deus te abençoe minha filha
E com um sorriso nos lábios
Assim começava o dia

XII
A saudade de ter
Meus filhos junto de mim
Mas o tempo vai passando
E a saudade não tem fim

Messejana Minha terra Natal

I
Vou dedicar estes versos
À minha terra Natal
Mesmo com ela velhinha
Mas a mim não me faz mal

II
Com o seu castelo velhinho
A sua Formas falida
E mesmo assim eu acho
De todas a mais bonita

III
Foi aqui que eu nasci
E vou continuar a viver
Vou pedir à Senhora de Assunção
Que me deixe aqui morrer

IV
Está muito pobrezinha
E toda mal estimada
Tenho esperanças de um dia
Ela estar toda arranjada

V
É a minha terra natal
E também dos meus pais
Temos vivido nela sem fome
O que é que a gente quer mais

VI
O meu pai a adorava
E a minha mãe também
Não á terra mais bonita
Que aquela que a gente tem

VII
Não sei como há pessoas
Que desligam da sua terra
Voltaram as costas a isto
E nunca mais cá vieram

VIII
Pois eu tinha catorze anos
Mesmo a mim própria dizia
Tudo abala desta terra
Só tu não abalas Maria

IX
Esse dia chegou
Eu abalei com alegria
Mas não se passou muito tempo
Para eu chorar noite e dia

X
Há quem diga que sou
Uma parva alentejana
De não gostar de outra terra
Só gostar de Messejana

XI
Mas é a minha terra
Terra onde nasci
Mesmo depois de morta
Eu quero ficar aqui

XII
Mas se um dia chovesse
E a chuva fosse dinheiro
Eu mandava arranjar tudo
Desde o Castelo ao Cruzeiro

Janelas de Messejana

I
Messejana Messejana
Pequena mas engraçada
Com as tuas janelas lindas
De gente que te amava

II
Desde o cruzeiro ao castelo
Mostram a sua beleza
Não há janelas iguais
Disso temos a certeza

III
O teu castelo lá do alto
Olha para elas a sorrir
Vai pedindo à Srª de Assunção
Que não as deixe cair

IV
As janelas da nossa vila
De azul e branco pintadas
Têm histórias lindas
Por muita gente contadas

V
Pelos festas se enfeitavam
Todos tinham presunção
Era dia santo na vila
Ninguém fugia á tradição

VI
Encerram belas historias
Dos casais de namorados
Que continuem de pá
A recordar o passado

VII
Nos dias dos santos Populares
Enchiam-se de manjericos
Saíam todos prás rua
Cá em casa é que eu não fico